



A PRÁTICA DOCENTE, O LIVRO DIDÁTICO E A HISTÓRIA DO POVO NEGRO

LEITE, Inaldete de Araújo Meira Graduanda/Pedagogia/UEPB

inaldetemeira@hotmail.com

SANTOS, Edmara Beserra dos. Graduanda/Pedagogia/UEPB

edmarabeserra@hotmail.com

FERNANDES, Josilene Rodrigues Graduanda/Pedagogia/UEPB

josilene_lenna@hotmail.com

MELO, Margareth Maria de. Orientadora/Pedagogia/UEPB

margarethmmelo@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo trata de uma pesquisa de Iniciação Científica- PIBIC/CNPq, ainda em andamento, que estuda a problemática do uso do livro didático de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental na sala de aula. O principal objetivo desta pesquisa é analisar como os professores/as e alunos/as tratam a temática africana e afrobrasileira a partir dos livros didáticos de história do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, utilizados em algumas escolas da rede Municipal de Campina Grande - PB, tendo em vista a promulgação da lei 10.639/2003. Fundamentamo-nos em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Racial e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Posteriormente, buscou-se suporte teórico de autores como: Bittencourt (2004), Silva (2001), dentre outros. A metodologia do referido trabalho é de natureza qualitativa e a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008). Ao longo do estudo foram realizados contatos com as escolas municipais para colher informações a respeito da forma como essa temática é tratada no cotidiano escolar. No momento, estamos na fase de observação e avaliação da postura das professoras em relação à temática africana e afrobrasileira. Os resultados preliminares da nossa pesquisa mostraram a necessidade de se permanecer em campo para poder conhecer melhor o cotidiano da sala de aula e dar continuidade à pesquisa, visto serem muito superficiais os dados coletados sobre a atuação da professora em relação à temática africana e afrobrasileira. Por outro lado, constatamos que a postura de duas professoras tanto nas aulas de história como em outras é ainda muito autoritária, essas professoras estão em fim de carreira e demonstraram cansaço e desinteresse em aprender e desenvolver novas aprendizagens. Apenas uma professora que dialogava com os alunos, e se mostrou aberta para novos desafios. Assim, concluímos que é uma oportunidade ímpar a pesquisa de campo, visto que favorece uma maior aprendizagem sobre a realidade da escola e as

dificuldades encontradas ao longo do processo permitem compreender melhor a prática docente. **Palavras – chave:** Livro didático de história; Temática africana e afrobrasileira; Prática docente.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa em andamento de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, que estuda a prática docente, o livro didático e a história do povo negro, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O principal objetivo da pesquisa é analisar como os professores/as e alunos/as tratam a temática africana e afrobrasileira a partir dos livros didáticos de história do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, utilizadas em algumas escolas da rede Municipal de Campina Grande. Uma vez que se trata do cumprimento da lei 10.639/2003, que garante a obrigatoriedade a todas as escolas pública e privada do país o estudo dessa temática.

O primeiro momento da pesquisa se deu a partir de estudo bibliográfico, pois os conteúdos novos exigiram mais dedicação e estudo no grupo de pesquisa, com debates que resultaram na produção de artigos. Posteriormente, fomos conhecer os cotidianos escolares e as práticas docentes.

No transcurso do trabalho serão apresentados alguns estudos teóricos sobre a temática em pauta. Em seguida, apresentaremos a metodologia desenvolvida, os resultados e conclusões parciais.

O livro didático e o ensino da história africana e afrobrasileira

A temática em discussão é de fundamental importância, pois foi fruto da luta do movimento negro ao longo do século XX, visto que a história estudada tinha um viés eurocêntrico que impedia de se conhecer a história e cultura africana e afrobrasileira. Nos cotidianos escolares, nos livros didáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental e ao longo dos demais estudos mal se falava sobre a África e a história do povo negro no Brasil se restringia a escravização.

De acordo com a lei 10.639/2003, torna-se necessário incluir no currículo oficial da Educação Básica a obrigatoriedade da temática: história e cultura afrobrasileira e africana. Esta lei se refere aos diversos componentes curriculares, porém, destaca os componentes de história, literatura e artes.

Diante disso, por meio da pesquisa de campo, buscou-se observar como a

temática é tratada por professores de escolas da rede municipal de Campina Grande, dentro dessa questão, procurou-se observar a frequência com que o tema é trabalhado, a sua importância tanto para professores quanto para alunos e, como é tratado à temática em sala de aula. Por isso a necessidade de conhecer bem os conteúdos dos livros didáticos e se posicionar criticamente frente ao que é veiculado. Para tanto estudamos os relatórios das pesquisas anteriores de nossas colegas do grupo de pesquisa das cotas 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014 para compreender seus resultados e o que afirma Silva (2001) quando destaca o quanto o livro didático veicula estereótipos sobre a pessoa negra expandindo a ideologia do branqueamento.

Circe Bittencourt (2004) nos fala das diversas intercessões na elaboração e utilidade do livro didático. De acordo com a mesma, o livro didático caracteriza-se por ser um suporte de conhecimentos escolares, de métodos pedagógicos, veículo de sistema de valores e, também, uma mercadoria. A autora sintetiza dizendo:

As pesquisas e reflexões sobre o livro didático permitem apreendê-lo em sua complexidade. Apesar de ser um objeto bastante familiar e de fácil identificação, é praticamente impossível defini-lo. Pode-se constatar que o livro didático assume ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. Por ser um objeto de 'múltiplas facetas', o livro didático é pesquisado enquanto produto cultural; como mercadoria ligada ao mundo editorial e dentro da lógica de mercado capitalista; como suporte de conhecimentos e de métodos de ensino das diversas disciplinas e matérias escolares; e, ainda, como veículo de valores, ideológicos ou culturais (BITTENCOURT, 2004, p. 471).

Diante do que foi discutido anteriormente, acreditamos que o livro didático ainda é um instrumento bastante utilizado por muitos educadores, muitas vezes é o único recurso usado pelos professores em sala de aula. Dessa forma, percebe-se a importância de se fazer uma pesquisa voltada para o uso do livro didático, uma vez que, contemplará os vários tipos de educadores, desde os sem formação, sem nenhum zelo pela profissão, podendo assim, transmitir o conhecimento de forma equivocada, até aqueles mais dedicados que envolvem o alunado na dinâmica do cotidiano de sala de aula.

No contexto educacional a escola é convocada a repensar suas práticas buscando dialogar com as diversas realidades presentes no ambiente escolar, a partir desse diálogo

a escola poderá tornar-se um ambiente agradável, produtivo e democrático, onde as relações estão alicerçadas no respeito às diferenças. De acordo com as Diretrizes:

Após a promulgação da Constituição de 1988, o Brasil busca efetivar a condição de um Estado democrático de direito com ênfase na cidadania e na dignidade da pessoa humana, contudo ainda possui uma realidade marcada por posturas subjetivas e objetivas de preconceito, racismo e discriminação aos afrodescendentes, que historicamente enfrentam dificuldades para o acesso e a permanência nas escolas (BRASIL, 2004, p.7).

É de suma importância o trabalho da escola de estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças individuais de cada ser. Mas temos que levar em consideração quem ao transmitir esses valores, e de que forma são passados e como isso é visto em todo o contexto, pois sabemos que não é uma tarefa fácil diante do contexto histórico vivenciados em nosso país. Vale ressaltar que, dependendo de quem transmite poderá ou não reforçar esses preconceitos, ao invés de combatê-los. A metodologia de trabalho da professora deve favorecer a pesquisa, instigar a curiosidade, problematizar, permitir o diálogo e a crítica propositiva, bem como, estimular a produção de conhecimento (FREIRE, 1996). Daí a necessidade de investir nos profissionais da educação, para que eles tenham o compromisso de tratar o conteúdo de forma clara e objetiva, visando o reconhecimento, a valorização da história e cultura afrobrasileira e a descoberta do quanto usufruímos delas no nosso cotidiano.

Pesquisa nos/dos com os cotidianos escolares

De acordo com o que foi estudado em Alves (2002), podemos perceber que o estudo dos cotidianos escolares não se limita apenas as salas de aulas, nem tão pouco aos corredores das escolas. Para realizar uma pesquisa é necessário que haja mais que um olhar acentuado em torno do que se quer averiguar. Segundo Alves (2002, p.19), “Para apreender a ‘realidade’ da vida cotidiana em qualquer dos espaços/tempos em que ela se dá, é preciso estar atenta a tudo o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não.”

Diante do que a autora nos revela o pesquisador/a deve ter um olhar além do que ela necessita pesquisar, visto que é importante para o pesquisador introduzir-se no

campo de pesquisa estando atento a todos os sujeitos envolvidos. De acordo com Alves (2002, p.19)

“Com todos esses fatos anotados e organizados, percebo que só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro que me ensinaram e aprendi a usar. É preciso questionar e ‘entender’ o cheiro que vem da cozinha, porque isto terá a ver com o trabalho das professoras e as condições reais de aprender dos alunos.”

Assim, se faz necessário o uso de todos os sentidos, para compreender os cotidianos, num verdadeiro mergulho na realidade de cada escola. Para tanto, é preciso tempo, para conquistar a confiança das pessoas ali inseridas, escutar, conversar, participar das atividades desenvolvidas na escola, pois se faz necessário conhecer cada envolvido, percepção das formas de relações entre os sujeitos, estar presente e ver, sentir, tocar, experimentar e se deixar envolver por tudo que ocorre, de tal forma que o pesquisador não será mais um elemento estranho ao ambiente.

A pesquisa adotou como amostra três escolas da rede municipal da cidade de Campina Grande-PB. As turmas definidas para este trabalho são do 4º ano do Ensino Fundamental. Assim, são sujeitos da pesquisa três professoras, uma de cada turma das escolas, e dois alunos de cada uma destas turmas. Estes alunos serão escolhidos aleatoriamente, dependendo do comportamento em relação a temática negra, ao longo do período de observação. As escolas serão identificadas por letras: A, B e C, as professoras por números: 1, 2 e 3 e os alunos por nomes fictícios.

As escolas municipais foram escolhidas a partir dos livros didáticos adotados por elas, visto que, em pesquisa anterior foram estudados os livros das três coleções mais citadas pelas escolas, são elas: escola A com a coleção PROJETO BURITI, escola B com a coleção APRENDER JUNTOS e a escola C com a coleção A ESCOLA É NOSSA.

A técnica de coleta de dados foi a observação registrada em diário de campo, conversas informais com professoras e gestoras. Posteriormente serão realizadas entrevistas gravadas, com professoras e alunos/as. Os dados da pesquisa serão analisados a partir da análise de conteúdo (BAUER, 2002) das transcrições das gravações das entrevistas concedidas.

A percepção inicial da realidade das escolas e da prática docente

Inicialmente, visitamos as três escolas municipais e falamos com as gestoras que nos acolheram muito bem e nos apresentaram para as professoras do 4º ano do Ensino Fundamental. Como nossa pesquisa trata da história e cultura africana e afrobrasileira procuramos saber destas professoras quando era a aula de história e se poderíamos assistir. Todas se colocaram abertas para nos acolher e agendamos um horário de frequência das aulas de forma que pudéssemos acompanhar o trabalho das professoras.

A seguir, realizamos as observações dos aspectos referentes à infra-estrutura das escolas, coletamos dados sobre o corpo docente e discente, equipe técnica-administrativa e pessoal de apoio da escola.

As três escolas estão localizadas na periferia da cidade, sendo uma em Bodocongó, outra no Cruzeiro e a terceira em Santa Cruz. Todas oferecem dependências adequadas de funcionamento, quadro de professores qualificado, quadro de técnicos administrativo e pessoal de apoio. A primeira é maior que as outras duas com 12 salas de aula funcionando, enquanto que a segunda e terceira tem cinco salas, e atuam nos turnos da manhã e tarde, apenas a segunda não oferece atendimento no turno da manhã, mas tem turmas no turno noturno.

As observações na escola A se deram em outubro e novembro de 2014. Na escola A, podemos perceber que a professora do 4º ano exerce uma postura de diálogo com os alunos, e vice-versa. Neste período, foi tratado sobre o aniversário de Campina Grande e em nenhum momento se fez referência a presença de pessoas negras na história da cidade. Será que não existiram negros na origem de nossa cidade?

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 2001), a temática afrobrasileira deve perpassar todos os conteúdos estudados na escola como um tema transversal, discutir sobre a história da cidade seria uma oportunidade de problematizar a ausência do povo negro na origem da cidade. Fala-se do indígena e do branco, e o negro não veio para essa região? Quem trabalhava nas lavouras de algodão?

Em março de 2015 retomamos as observações nesta escola, mas fomos informadas que a temática do negro só seria abordada no treze de maio, isto nos provocou um estranhamento, porque o LD adotado na escola neste ano letivo tem diversos capítulos que tratam a história do negro. Assim, apresenta-se uma situação em que a abordagem da temática afrobrasileira parece ser colocada em datas comemorativas, contrariando o que determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais

para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de história e Cultura Africana e Afrobrasileira (BRASIL, 2004). Estas afirmam que “aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída a responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos e de seus descendentes para construção da nação brasileira” (BRASIL, 2004, p.18). Assim, tratar essa temática apenas em datas comemorativas não condiz com o que é proposto pela lei.

Por outro lado, como nas duas outras escolas não conseguira ainda acesso me dediquei mais a estar nestas escolas para obter informações sobre o processo de ensino do componente de história desenvolvido.

Na escola B não conseguimos fazer nenhuma observação nos meses de outubro e novembro, diversas dificuldades foram ocorrendo, como desencontros e problemas de saúde da professora e, só no mês de março, nós tivemos acesso à sala de aula. A professora é uma senhora, com 27 anos de profissão, que deseja se aposentar logo, apesar de já ter tempo suficiente, ela ainda permanece em exercício por um motivo pessoal.

Neste dia, ela passou as atividades como um passatempo para os alunos, pois como eram as primeiras semanas de aula, ela disse que nesses primeiros momentos estava fazendo um diagnóstico das dificuldades dos alunos, e ainda não tinha assuntos para passar e em breve seria o planejamento para iniciar as aulas mesmo.

Observamos mais dois dias as aulas de história, em cada uma, a professora se limitou a leitura do texto do livro didático e mandar os alunos fazerem as atividades, as explicações eram mínimas, e as atividades deveriam ser feitas reproduzindo as respostas da forma como estava no texto. Em um dia o tema estudado foi sobre as navegações e no seguinte a professora pulou algumas páginas, porque não considerava importante. Qual o critério tomado por essa professora? O que seria importante? Por que se limitava a reproduzir o livro didático? Que assuntos foram excluídos por ela? São questões que nos inquietaram, pois segundo relatório da pesquisa da cota 2013-2014, o livro adotado na escola B fazia parte da melhor coleção estudada até então pelo grupo de pesquisa, visto que “os livros da coleção [Aprender Juntos] estimulam a reflexão do professor e aluno, na medida em que traz bastantes questionamentos para se discutir em sala” (SILVA; SILVA; BARBOSA, 2014, p.29). Como essa professora irá fazer bom uso do livro didático apenas lendo e reproduzindo as respostas dos textos?

na coleção **Aprender Juntos** em todos os anos percebemos a presença de personagens negros em número bastante significativos. Os livros problematizam as imagens, abaixo de cada uma delas, sempre encontramos perguntas que permitem uma maior reflexão e estimulam a criticidade. As imagens estão sempre fazendo referência aos assuntos e atividades propostas, além disso, permitem uma maior compreensão sobre a história (SILVA; SILVA; BARBOSA, 2014, p. 28) (grifo das autoras).

Assim, fica o desafio para se trabalhar com essa professora e conseguir sensibilizar para uma nova metodologia de trabalho que provoque a problematização, como vimos anteriormente com Freire (1996) e, especialmente, desperte a necessidade de estudar mais sobre a temática africana e afrobrasileira.

Na escola C também não conseguimos observar a sala de aula em 2014, diversas dificuldades encontradas na escola, tanto de horário, como ausência da professora impediram nossa observação e só em março de 2015 tivemos oportunidade de acesso a sala de aula. A professora assumia uma postura rígida com a turma, pois os alunos até para se levantarem precisavam pedir-lhe permissão. Quanto ao seu método de ensino, era perceptível que a cópia de texto do livro didático era uma forma de deixar o alunado quieto no momento da aula, ela lia o texto e mandava a turma responder cada questão igual como estava no livro didático, sem nenhuma discussão, reflexão e explicação sobre o conteúdo. A professora estava em final de carreira, no último ano de docência, e, o cansaço, afirmou ela, era grande e os alunos não eram obedientes e respeitadores.

Segundo Silva (2014), esse livro didático tem alguns equívocos que precisam ser trabalhados pela professora para que se compreenda melhor a questão negra ajudando a superar estereótipos criados ao longo da história.

Como vimos, nas três escolas observamos limites na prática docente que exigem da pesquisadora mais permanência e contato com o campo de pesquisa para melhor compreendermos os desafios presentes no cotidiano escolar e a temática afrobrasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral o período de observação significou ultrapassarmos um desafio difícil, foi um momento impar de contato com a realidade da sala de aula de história. Ao mesmo tempo, por diversas vezes, ficamos apreensivas diante das dificuldades, entretanto, era necessário vencer as barreiras. Podemos afirmar que o campo de

pesquisa do qual estamos participando é sem dúvida uma oportunidade de inteirarmos sobre o dia-dia em sala de aula e observar a prática docente.

Percebemos que as professoras mesmo sabendo da existência da lei 10.639/03, não trabalham a questão negra, parece existir certo despreparo em relação à temática africana e afrobrasileira, pois possuem uma insegurança em relação a ela, será que buscam se informar? A lei não só ressalva o reconhecimento à história e cultura do povo negro, mas também todas as etnias, visto que vivemos em uma sociedade multicultural e pluriétnica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos mostram que podemos trabalhar essa temática não só nas aulas de história, mas em todas as disciplinas. De acordo com o PCN (BRASIL, 2001, p.35)

A fundamentação ética, o entendimento de preceitos jurídicos, incluindo o campo internacional, conhecimentos acumulados no campo da História e da Geografia, noções e conceitos originários da Antropologia, da Linguística, da Sociologia, da Psicologia, aspectos referentes a Estudos Populacionais, constituem uma base sobre a qual se opera tal reflexão que, ao voltar-se para a atuação na escola, deve ter cunho eminentemente pedagógico.

Verificamos uma lacuna na formação docente, falta uma compreensão da visão inter/trans-disciplinar sobre a diversidade cultural étnica, em especial, nos cursos de formação de professores, parece que ainda, há uma visão preconceituosa em relação à temática africana e afrobrasileira no Ensino Superior, pois são poucos os estudantes e professores que tratam essa temática. Através da pesquisa de Iniciação Científica, podemos desconstruir essa visão em discussões no grupo de pesquisa e estudos nos componentes de aprofundamento do Curso de Pedagogia voltados para o povo negro.

Através dos estudos no grupo de pesquisa podemos compreender a importância dessa temática para cada um de nós, tanto na nossa formação pessoal e profissional, visto que através das experiências vivenciadas na pesquisa podemos constatar a realidade de sala de aula e a dificuldade dos sujeitos envolvidos trabalharem a questão negra.

Constatamos que ainda há professoras autoritárias em sala de aula, outras que são capazes de interagir com alunos e vice-versa e, há também, aquelas que estão em fim de carreiras, estão aparentemente cansadas, fazendo com que suas aulas não sejam atrativas, deixando muito a desejar. Como o aluno pode aprender algo se o professor

está desmotivado? O aluno precisa do professor para sentir-se motivado. O diálogo muitas das vezes não faz parte do processo de ensino aprendizagem, pois o professor acaba se prendendo as informações contidas no livro didático, não dando espaço para o aluno questionar. É preciso buscar métodos de ensino que tornem as aulas prazerosas.

Os resultados preliminares da nossa pesquisa mostraram a necessidade de se permanecer em campo para poder conhecer melhor o cotidiano da sala de aula e dar continuidade a pesquisa, buscando compreender cada prática docente. Pois, ainda, são muito superficiais, os dados coletados sobre a atuação das professoras em relação à temática africana e afrobrasileira.

Assim, concluímos que é uma oportunidade ímpar a pesquisa de campo, visto que favorece uma maior aprendizagem sobre a realidade da escola e as dificuldades encontradas ao longo do processo permitem compreender os desafios da prática docente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In. OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p.15-38.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. BAUER, Martin W; BITTENCOURT, Circe. Em foco: história, produção e memória do livro didático. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo: n.3, v. 30, set/dez/2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf> Acesso em 30 de março de 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília-DF. Outubro, 2004.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 3. ed. Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, Mônica Teodósio da. Uma leitura crítica das imagens e conteúdos do povo negro na coleção “A Escola é Nossa”. [manuscrito] Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia. UEPB. Centro de Educação. Campina Grande:PB, 2014.

SILVA, Mônica Teodósio da; SILVA, Hayana Crislayne Benevides da; BARBOSA, Jéssica de Sousa. [manuscrito] **Relatório Final do Programa de Iniciação Científica PIBIC/AF - UEPB/CNPq – cota 2013-2014**. Campina Grande:PB, 2014.